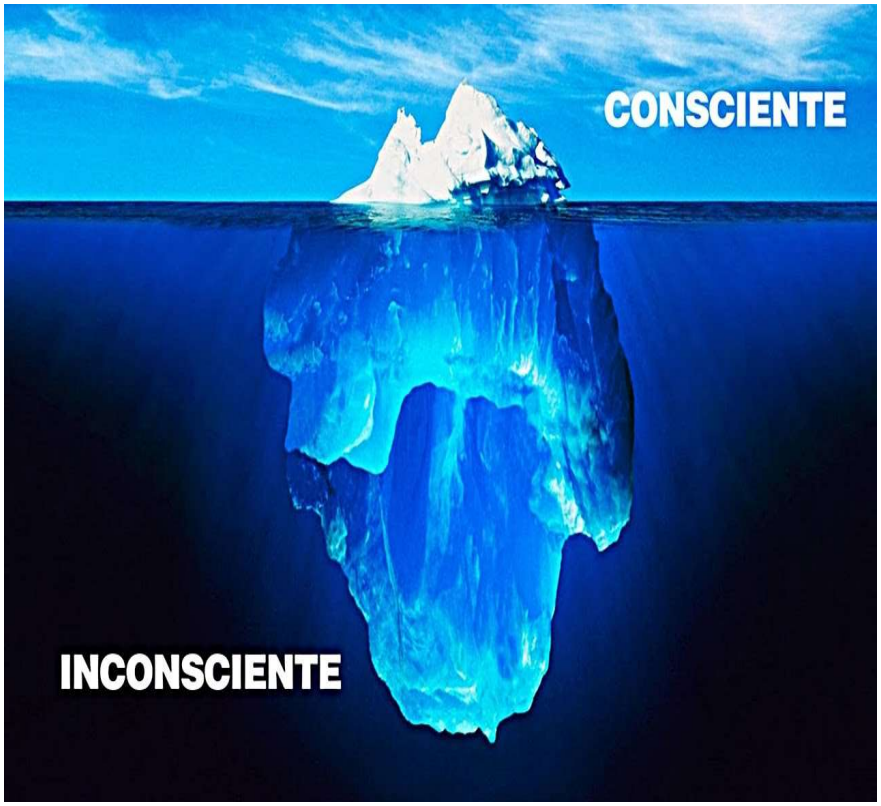
Ensaios esotéricos: do inconsciente



Claudio Donato

Inteligência Artificial e Ideologia de Massa

Claudio Donato Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia. Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: Claudio Donato foi aluno de Luiz Hebeche, que foi aluno de Ernildo Stein, que foi aluno de Martin Heidegger.

INTRODUÇÃO

Sobre o advento das redes sociais e suas funções de controle cibernético e político-ideológico de um povo. Uma fundamentação histórico-filosófica sobre o fenômeno da nova forma de agir e pensar do homem moderno: a nova inteligência artificial: agora incorporada pelo próprio ser humano de forma comprometida e comprometedora. No Brasil, um presidente, Jair Bolsonaro, é eleito com base em propaganda nazi-fascista e de apartheid, realizada via mídias de massa e redes sociais: notadamente: via WhatsAPP e Twitter. Do ponto de vista filosófico, o escritor Ernst Jünger, elaborou a tema da "mobilização total", cuja finalidade última era mobilizar toda uma nação, como um contingente bélico, para realizar um plano superabrangente de dominação e manipulação de massa. Técnica e tecnologia como uma nova forma de pensar: acrítico e acéfalo: é dizer: automaticamente. Acostumados a agir e pensar automaticamente, nós nos dispensamos diariamente da tarefa de pensar. Tal dispensa ou recusa nos equipara a autômatos programados a responder ou corresponder a estímulos ou apelos. Inconscientes de nosso lugar no mundo, seríamos ainda capazes de pensar? E mais, seria possível ainda, num mundo dominado pela técnica e pelas tecno-logias, algo assim como a liberdade ou, pelo menos, o pensamento sobre a liberdade? Paradoxalmente, diante da falta de pensamento e da falta de liberdade, somos obrigados pelos fenômenos mesmos, neste caso pelo fenômeno da ausência de pensamento e de liberdade, a pensar e a vislumbrar, pelo pensamento sobre a liberdade, alguma forma de liberdade. [...] O martelar não somente não sabe do caráter

instrumental do martelo como se apropriou de tal maneira desse instrumento que uma adequação mais perfeita não seria possível. [...] (HEIDEGGER, 2006b, p. 117). INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E VERDADE Verdade e correspondência Para uma completa apreciação do tema da verdade no sentido aqui esboçado, seria necessário um estudo nas áreas de lógica, epistemologia, filosofia da ciência, filosofia da linguagem e filosofia analítica; estas áreas de estudo, no entanto, não fazem parte do tema deste ensaio. O título "inteligência artificial", no entanto, pode gerar equívoco. Mas esclareço de antemão: trata-se de um estudo de ontologia e fenomenologia, e não de epistemologia e lógica. O que me obriga a definir o que estou denominando aqui por "correspondência". O esclarecimento dos sentidos de causalidade e espelhamento nos levará ao sentido aqui pretendido: corresponder significa, além do sentido tradicional, comprometer. O que compromete nas quatro causas do ente em Aristóteles e o que compromete nas relações entre homem e técnica referem-se de modo originário ao que espelha e compromete na quadratura. A demonstração dessa tese preliminar é o que pretendo ao longo desta via de pensamento. Aristóteles e Leibniz serão brevemente mencionados, a título de ilustração, apenas como um contraponto a Heidegger. A analogia fará referência aos conceitos de comprometimento (Verschulden) considerado por Heidegger na Questão da Técnica e o espelhamento monádico de Leibniz, em comparação ainda ao jogo especular dos quatro elementos da quadratura heideggeriana: terra e céu, mortais e imortais. As noções de espelhar e comprometer questionarão o conceito tradicional de causalidade (Kausalität) e nos guiarão no sentido de pensar uma causalidade mais abrangente, como um coisar da coisa. Esclarecida esta coisidade (Ursächlichkeit) se esclarecerá também o papel de correspondência e comprometimento do único habitante da terra: "poeticamente o homem habita", sob o céu e a espera dos deuses. Uma "nova concepção de verdade como correspondência" significa uma nova concepção de verdade e uma nova concepção de correspondência. O homem precede à técnica ou a técnica precede ao homem? A resposta a esta questão, se há uma resposta, não se pode decidir de antemão.

Mas a técnica, em certo sentido (téchne), deve sua origem ao homem. Homem e técnica se comprometem significa que, de algum modo, homem e técnica se causam. Esta relação não é simples causalidade, mas é causa-dívida, um comprometer que corresponde, e uma correspondência que compromete. Uma Kausalität Verschulden ou uma Verschulden-Kausalität. O homem deve à técnica grande parte da produção do "espírito" humano. Assim, o homem é "culpado" e está comprometido por todo evento técnico que ocorrer no mundo. Pelo fato de que a técnica deve ao homem a sua origem. Sendo originariamente coisa humana, a técnica, em suas modalidades de ser (téchne, Gestell), compromete todo fazer e agir humanos que envolvam a produção. Exceção apenas para a produção artística, que não se submete à simples configuração ou composto matéria e forma. Precisamente porque "a essência da verdade se desvelou como liberdade", É somente na produção livre da obra de arte que a verdade mesma acontece. O homem, como artista, está comprometido com sua obra. Em toda causalidade subsiste um comprometer. Em todo comprometimento há uma "causa" e um "efeito". A causaefeito persiste na coisa criada ou gerada, como Verschulden. Esta persistência comprometedora é Ursächlichkeit. Na coisa criada as quatro causas coisam, iluminadas pela quadratura. Toda origem compromete. Heidegger não concorda com este pensamento. Para ele, a técnica, como essência, não tem origem antropológica. (HEIDEGGER, Sobre a Essência da Verdade, p. 163. São Paulo: Nova Cultural, 2005). "Na obra, é o acontecimento da verdade que está em obra e, precisamente, no modo de uma obra. É por isso que se determinou primeiramente a essência da arte como o pôr-emobra-da-verdade (Ins-WerkSetzen-der Wahrheit). Mas esta deteminação é conscientemente ambígua. Ela diz, por um comprometimento se manifesta na figura da salvaguarda. Salvaguardar significa proteger. A verdade se desevela somente no espanto do inabitual. Na luta entre habitual e inabitual. A verdade é sempre polêmica. Sua origem originária é a disputa entre velamento e desvelamento (a-létheia). Em termos metafísicos, é a eterna disputa heraclitiana entre o ser e o não-ser: to pólemos. A verdade instaurada pela Gestell, no entanto, elimina qualquer

disputa. Sem polêmica, o que aparece é a com-vocação, imposição da técnica sobre o homem. No que este corresponde, simplesmente agindo e pensando de acordo com este apelo, sem polêmica (luta, combate) e sem questão. A verdade estabelecida pelo espírito da técnica (Gestell), portanto, não é lado: a arte é o estabelecimento da verdade que se institui na forma. Isso acontece na criação como produção (Hervorbringen) da desocultação do ente. Mas, ao mesmo tempo, por em obra quer dizer: pôr em andamento e levar a acontecer o ser-obra. Tal acontece como salvaguarda. A arte é então: a salvaguarda criadora da verdade na obra. A arte é, pois, um devir e um acontecer da verdade. E, então, provém a verdade do nada? Sem dúvida, se por nada se entende a mera negação do ente, e se este se concebe como aquilo que habitualmente está aí disponível, o qual, então, em conformidade com o que dissemos, vem à lume através do estar-aí da obra, se revela e é abalado como o apenas pretensamente verdadeiro ente. Nunca a verdade se pode ler a partir do que simplesmente é e do habitual." (HEIDEGGER, 2010f, p. 57). Não há mais espanto algum. Pelo contrário, é a supressão de qualquer espanto. O grande perigo contido nesse tipo de verdade (no sentido ontológico originário) é o fato de ela não poder ser falseada. Uma verdade por correspondência no sentido epistemológico ou lógico, uma sentença dita científica pode ser falseada se, conforme nos ensinou Karl Popper, encontrarmos um único contra-exemplo. Ou seja, se "todos os cisnes são brancos" é uma sentença verdadeira, basta que encontremos um único cisne negro para falseá-la. Será que, ao contrário do que pensou Heidegger no Nartop-Bericht, não são as "verdades espontâneas" da razão prática mais perigosas do que as razões pensadas no modo da universalidade da Sophia? Ou ainda: será que há realmente uma diferença radical entre os dois modos originários de Alétheia124? Permanece a questão: essa nova verdade por correspondência no sentido ontológico ou fenomenológico refere-se mesmo à Phrónesis ou à Sophia? Ou a ambos os expedientes do pensar e agir? Aparentemente, Phrónesis e Sophia devem ser excluídos dos enquadramentos da dominação técnica. Se pensar e agir ("indivíduos"), no sentido de uma filosofia e uma phrónesis, foram subsumidos na forma única

do apelo da Gestell (“gênero” dessa subsunção): que mantém indistintos fazer e pensar em sua automaticidade e que representam essa subsunção, no modo da correspondência; então, o que significa a correspondência a este apelo? Esse apelo é inapelável, inescapável, incontornável? Se a resposta for positiva, então podemos dizer que ao homem não cabe uma outra via senão a da aceitação do seu destino técnico. Mas de que homem estamos falando? Há ainda em seu íntimo um Dasein-humano ou o Dasein se diluiu em sua existencialidade nesse esquecimento chamado Gestell? Aceitar a divisão do homem em uma parte existencial e outra antropológica é aceitar e manter ainda a metafísica transcendental tradicional – da presença e da diálise –; o que, de antemão, colocaria em suspeição o caráter crítico aberto dessa análise e poderia ocorrer o fato de a crítica se voltar contra o crítico. Heidegger rejeita o título de metafísico (no sentido tradicional), mas se há um ente em completo esquecimento do seu ser, cujo ato (handeln) é decidido simplesmente em correspondência a um apelo, então a suspeita se confirma e a lógica totalizante que passa a vigorar sobre o homem antropológico é a tão criticada cibernética. O uso dos termos “Dasein” ou “Daseinhumano” nos textos de Heidegger poderia ser uma indicação de resposta a esta desconfiança. Se a correspondência refere-se ao “corpo” e à “alma” do homem, este está entregue integralmente, em sua vida e espírito, à “configuração” do gigantesco da técnica. Esta configuração (Gestalt), conforme nos ensina Ernst Jünger, é tão abrangente que se sobrepôs e massacrou toda tentativa de originalidade, liberdade ou verdade: “Gestalt als ein Ganzes, das mehr als die Summe seiner Teile umfasst”. (JÜNGER, 2001. p. 163). A Gestalt (configuração) de Jünger ou a Gestell (armação) de Heidegger é o que estrutura este mundo sob a pressão apeladora da mobilização total (Totale Mobilmachung). Há também em Jünger um sentido de correspondência. A tese, defendida aqui, de que Heidegger inaugura uma nova modalidade de verdade como correspondência, não deve, no entanto, ser entendida como uma “acusação” à Heidegger, que poderia ser tomado como aquilo a que ele sempre criticou: um metafísico. A verdade como correspondência no sentido metafísico tradicional é cálculo, o

homem corresponde, simplesmente calculando ou agindo "racionalmente". A realização da essência da técnica, no entanto, consiste numa verdade por correspondência no sentido de uma adequação iniciada há muito tempo, pelo homem. E somente por esta origem humana da técnica já somos "culpados" (Schuld) e estamos, por isso, "comprometidos" (Verschulden) com esse evento e seu desenvolvimento. Estamos comprometidos, portanto, com esse ser que nós mesmos não somos originariamente, mas que iniciamos uma vez e cujos desdobramentos se tornaram incalculáveis, apesar do cálculo; e cujas proporções se tornaram gigantescas, em essência nem além nem sob direção do fazer humano, mas certamente transpropriadoramente: homem e técnica realizamse reciprocamente. Ao realizar a Gestell, o homem se realiza e realiza o projeto metafísico de esquecimento do ser. Este esquecimento, no entanto, como acontecimento, é uma verdade. A essência da verdade, segundo Heidegger, é a liberdade; a liberdade é o que deixa ser o ente. Será que a verdade da Gestell deixa ser o ente ou constrange o ente a ser segundo tal ou tal configuração prévia? Vide o texto Sobre a essência da verdade, de Heidegger. "Quanto ao chamado "segundo" Heidegger, para o qual o pensamento é agora "pensamento do ser", no sentido de que é entendida em termos de uma "lógica" ou epistemologia. Correspondência aqui significa "comprometimento" (Verschulden), conforme explicitado na "Questão da Técnica" (Die Frage nach der Technick).126 No sentido a que me refiro aqui, verdade por correspondência tem um sentido profundamente ontológico-fenomenológico. Tratase da ontologia fundamental da modernidade (Neuzeit), cujo espírito que paira sobre homens e deuses chama-se técnica. Em sua essência, a acontecência da técnica carrega a dupla significatividade do conceito Gestell-Ereignis: a verdade maquínica como acontecimento da maquinação. O evento apropriador (Ereignis) da técnica (Gestell) como verdade é um apelo que tem como correspondente o ser humano, no modo de pensar técnico ou calculador. No que a técnica exige ou apela pela determinação algorítmica do próprio ser humano. Heidegger salta na sua virada (Kehre) do sentido do ser (Ser e Tempo) para a verdade do ser

(Beiträge zur Philosophie). “Die Seinsfrage ist die Frage nach der Wahrheit des Seyns‖129. A verdade da técnica é uma verdade como acontecimento, como evento apropriador (Ereignis). Mas como toda verdade, ela é também alétheia. Também a verdade pensada na Die Frage nach ter Technik é um modo de alétheia. Se da originária téchne grega a história do ser desdobrou-se e culminou na essência da técnica moderna (Gestell), isto ocorreu porque, em essência, téchne não é apenas um modo de fazer, mas um modo de saber, um modo, também, de alétheia. Assim, téchne, des-vela o ser. O des-velar do ente na Gestell, no entanto, é mais do que des-cobrir, é levar-à-frente constrangendo, pela violência da forma. Tanto téchne como o próprio homem que se vê interpelado e em correspondência com o ser em sua ex-istência histórica, persistir no questionamento do ser significava reconhecer as determinações historiais do “atual jogo do mundo”. Isso também significava recobrar o sentido da possibilidade de sua superação em um “novo começo”, no “evento” de uma nova configuração das relações entre o homem e tudo o que é [grifo meu], para além da violência tecnicista do presente. Pode-se então dizer que, para Heidegger, o problema do ser é sempre um “problema da liberdade”” [grifo meu]. (DUARTE, Andre. Revista CULT, 2001. p. 48). 129 “A questão do ser é a questão da verdade do Ser”. (HEIDEGGER, Martin. Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis), 2003, p. 6). “Configuração como um todo que abrange mais do que a soma de suas partes”. (Tradução de Vicente Sampaio). Com esta sentença é possível antever os perigos das subsunções em geral, cujo agigantamento abstrato coloca em risco as individualidades, personalidades, autoridades e autorias. “A mobilização total, como medida do pensamento organizacional, é apenas um indício daquela mobilização mais alta, que a época realiza em nós. Dentro desta mobilização mora uma legalidade própria, com a qual a lei humana, se deve ser efetiva, tem de correr paralelamente125.” (JÜNGER, 2001. p. 177). “A prata é algo a partir de que a taça de prata é feita. Ela é, enquanto essa matéria (Hýle), cúmplice da taça. Esta deve à prata, isto é, agradece à prata por aquilo em que subsiste. O libatório, porém, não somente deve algo à prata. Enquanto taça, o que está comprometido com a prata aparece no aspecto de taça e

não no de uma fivela ou de um anel. O libatório, desse modo, é imediatamente dependente do aspecto (eidos) da taça. A prata, por onde o aspecto enquanto taça penetrou, e o aspecto, por onde a prata aparece, ambos estão a seu modo comprometidos com o libatório." (HEIDEGGER, 2007, p. 378). Téchne e episteme são conhecimento em sentido abrangente. Tanto téchne como Gestell são aletheuein: um modo de saber desabrigante do ente; um modo de verdade. Vejamos esta mesma passagem descrita por Heidegger na Questão da Técnica, também mencionada na Carta sobre o humanismo.131 Um destino da verdade que reside no esquecimento. O que isto significa? Vide o Parmênides, de Heidegger, sobre a origem "negativa" ou privativa da alétheia, entendida como a-létheia, cuja lembrança é resguardada (protegida) pelo seu esquecimento, pelo velamento (λήθη). O saber que gerou a técnica (téchne-Gestell) é o um saber132 esquecido do seu ser, daí a ambiguidade de toda essência: porque o saber da técnica é o esquecimento de sua essência desabrigadora. O que foi gerado pelo humano em correspondência (a técnica), foi gerado por um saber, daí nosso comprometimento: estamos comprometidos porque sabemos o que fizemos. E este saber colocou em obra no mundo forças desconhecidas e invisíveis da natureza, cuja essência não conhecemos em seu mistério, mas manipulamos em sua invisibilidade, transformando-as em coisas visíveis, seja pelas predeterminações do cálculo, seja pelas predeterminações do enquadramento: novamente a violência da forma (prévia) sobre a matéria. A técnica nos provoca e, assim, nos convoca. A técnica se apropria do tempo e do ser humano na provocação comprometedora que apela por correspondência: uma pro-vocação im-positiva. Corresponder ao apelo é, ao mesmo tempo, realizar e ser realizado pela técnica. Ou seja, ao corresponder ao apelo técnico, o ser-aí se realiza enquanto ser humano e realiza a destinação histórica: a própria técnica como evento apropriador. Há, assim, um comprometimento entre ser-aí e técnica. Téchne é este modo de saber: um saber produtivo. "O conhecer dá a explicação e, enquanto tal, é um desabrigar. Aristóteles distingue, numa singular observação (Étic. Nic. VI, 3 e 4), a episteme e a téchne; e, na verdade, em referência a como e ao quê elas